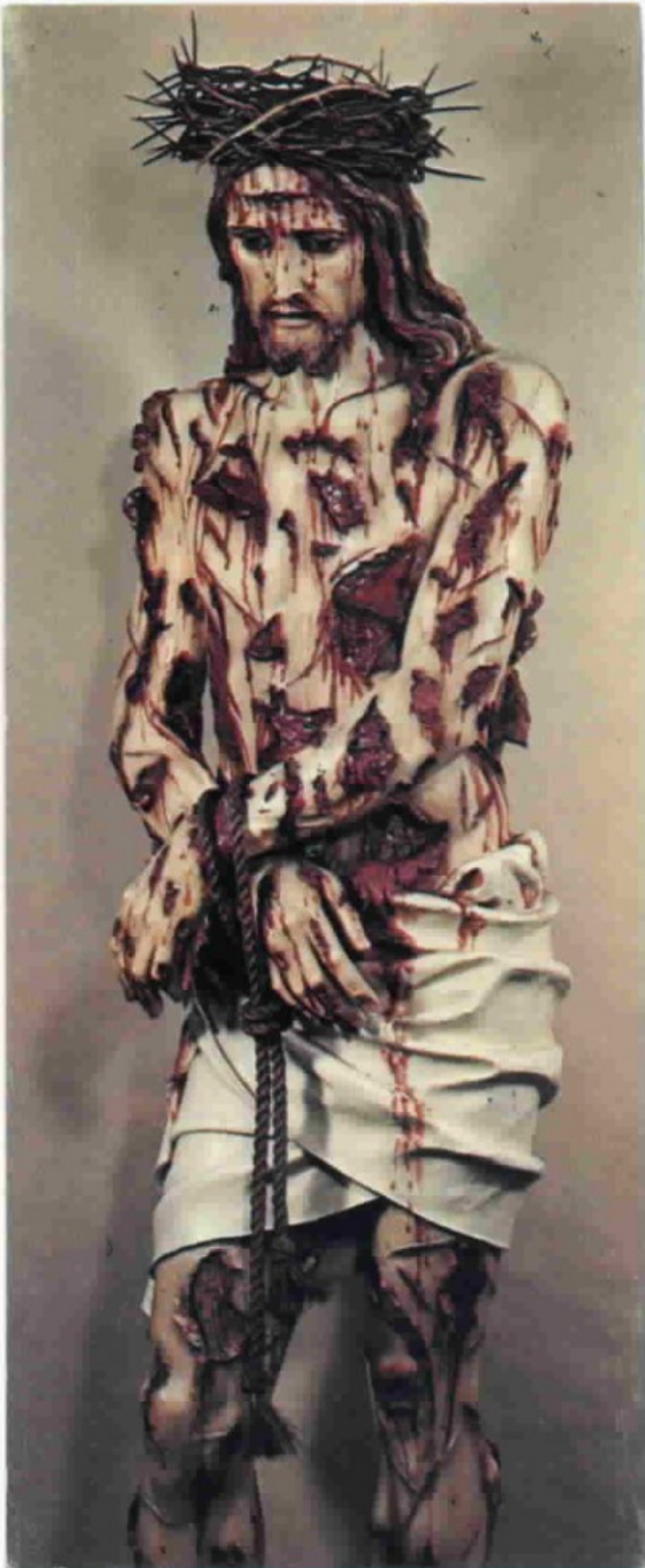


# A Nosso Senhor coroado de espinhos



Meu Senhor e meu Deus, essa tristeza  
E essa angústia imensa e tão serena  
Com que fitais, sem medo e sem surpresa,  
O ódio que vos julga e vos condena,  
A infinita e santa majestade  
Que está em vossos olhos refletida,  
A incomensurável seriedade  
Com que, por nós, Vós dais a vossa vida,  
Vossas divinas mãos, assim atadas,  
O manto que vos deram, derrisório,  
As marcas das selvagens chicotadas  
E quanto vos fizeram no Pretório.  
Tudo isso, meu Senhor, e essa coroa,  
Que vos humilha, mas que vos exalta,  
Tudo isso, meu Senhor, que vos magoa,  
Nos mostra agudamente o que nos falta.  
Pois não sois Vós, Senhor, nosso modelo?  
Não foi por nós, Senhor, que assim sofrestes?  
Não temos nós na frente o vosso selo?  
E vos faremos nós tal como um destes  
Que vos deu muito, sim, mas não deu tudo?  
Que vos seguiu, mas não até a cruz?  
Que, quando a plebe ruge fica mudo  
E quando a noite vem não crê na luz?  
Por vossa Mãe, Senhor, não permitais  
Que nós durmamos em vossa agonia  
E, junto à cruz, Senhor, fazei-nos tais  
Que, estando sempre unidos a Maria,  
Jamais nos vença a força ou o sarcasmo  
Dos que odeiam vossa luz em nós,  
Dos que, amando só um torpe marasmo,  
Querem calar na nossa a vossa voz.  
Fazei-nos tais, Senhor, que a confiança  
Nunca se abata em nosso coração,  
Sabendo que é a cruz que nos alcança,  
Que nos promete e dá a Ressurreição.

